

Abaixo, Carolina Maluhy junto ao grandioso
painel de pau-ferro aletado que integra e divide o living
e a cozinha no térreo da residência no Jardim
Europa; à dir., na mesma área, o destaque é a escultural
escada produzida com ferro oxidado





BRASIL

fora.da caixa

REPENSAR O ESPAÇO INTERNO, LANÇAR MÃO DE MEDIDAS QUE FOGEM DO LUGAR COMUM
E AINDA ASSIM MANTER A SOFISTICAÇÃO E O ACONCHEGO DAS PEÇAS DE FAMÍLIA: A CASA
DA ARQUITETA CAROLINA MALUHY, EM SÃO PAULO, CONVIDA A VIVER COM FLUIDEZ E LIBERDADE

TEXTO SILVANA HOLZMEISTER | PRODUÇÃO GUSTAVO PERUYERA | FOTOS RICARDO LABOUGLE



Poucos e bons elementos na sala de jantar: mesa da Oca Brasil, cadeiras de Jacob Ruchti, da Branco & Preto, pendente, na Dominici, e poltrona Charles Eames – ao lado dela, pintura de Ivan Mosca



d

e fora, a casa da arquiteta Carolina Maluhy passa discreta a quem usa as ruas internas do Jardim Europa como rota de escape para o trânsito sempre tumultuado de São Paulo. O grande portão cinza, que ocupa a fachada, se confunde com a paisagem e dilui a irreverência do material utilizado: placas de ferro galvanizado. Já do lado de dentro, em um generoso vão livre, ferro oxidado ganha presença monumental ao dar forma à escada que liga os dois primeiros andares. Com jeito de escultura, é um dos pontos altos do projeto.

Outras ideias misturando irreverência e refinamento espalham-se pela residência que Carolina divide com os dois filhos e o marido, o investidor italiano Niccolò Ballaratti – que, segundo ela, contribuiu bastante no redimensionamento da estrutura interna. “Por quê [implementar isso ou aquilo]? Esta foi a pergunta que nos fizemos constantemente durante a fase do projeto”, recorda ela. Uma das respostas é o grandioso painel arredondado de pau-ferro, que esconde ou integra a sala de estar e a cozinha, no térreo. Outro une, no segundo andar, o quarto das crianças e a sala de brinquedos.

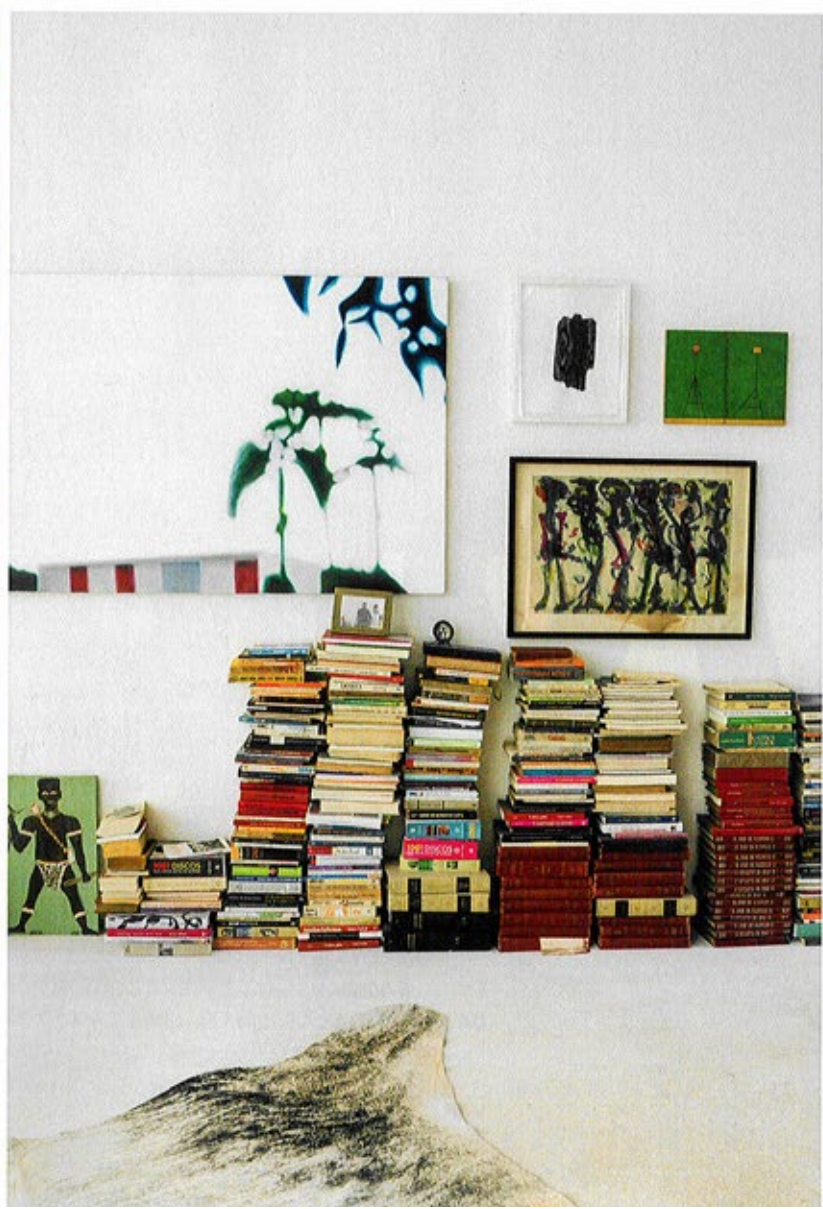
No ambiente íntimo do casal, quarto, closet, área de leitura e banheiro evoluem verticalmente, iluminados por claraboias e conectados por paredes minimalistas. O artifício revisita o conceito clássico de suíte, o que preserva e dá aconchego à área reservada à cama. “Acordamos muito cedo, por isso trocamos as persianas por cortinas de linho”, diz a arquiteta. O recurso sela sutilmente a janela do quarto e também suaviza a luz natural que vem do teto.

Para economizar medidas, uma escada de aço sobe rente à parede, dando acesso discreto ao terceiro andar. Espécie de sótão do século 21, acomoda um home office que se abre para a varanda em balanço. Nele, destaca-se o piano clássico, que precisou ser içado. “Deu trabalho. A gente brinca que ele nunca mais sairá de lá.”

Formada pela Northeastern University, em Boston, com pós-graduação na Sapienza Università, em Florença, Carolina trabalhou com Isay Weinfeld antes de montar o escritório com a amiga, Isis Chaulon, em 2005. Projetos como a da loja da estilista Cris Barros, nos Jardins, ou da residência de campo do empresário Zeco Auriemo dão a proporção do seu gosto pelos espaços amplos, numa mistura contemporânea de vidro, concreto e natureza. Em casa, a arquiteta recheou cada cantinho com recordações afetivas e sacadas simples, quase despretensiosas, que aquecem a atmosfera.

Além da madeira – presente em todos os cantos – e do rústico piso de fulget semipolido *off-white*, inclusive nos quartos, quase todos os móveis, obras de arte e objetos foram herdados dos pais do casal – ela é filha da estilista Candice Brown –, dos avós e bisavós. Alguns, como o baú transformado em criado-mudo, estavam esquecidos na fazenda da família. “Tudo tem história. Eles me lembram da minha infância e das pessoas que amo. Isso é especial”, conta.

Já o bar, sempre aberto aos amigos e instalado no chão da sala de estar, foi fruto do acaso. “Era uma solução temporária porque, quando a gente se mudou, há um ano e meio, ainda faltava fazer alguns móveis”, explica. Mas o casal gostou tanto do efeito que acabou desistindo da marcenaria. O mesmo aconteceu com os livros, que permanecem empilhados ao longo da parede, dividindo espaço com telas de Iran Espírito Santo e Ivald Granato, bem de frente para o jardim verdejante que agrega uma deliciosa sensação de infinito. ●





Acima, o living, dotado de lareira e em total comunhão com o verde do jardim, traz poltronas (à esq.), na Juliana Benfatti, mesa de centro, na Passado Composto Século XX, cadeira com braços de ferro, do Depósito Santa Fé, e tapete de pele de vaca, da La Novità. Na pág. anterior, no alto, o quarto dos proprietários, com poltrona da Esther Giobbi; abaixo, à esq., o ferro galvanizado que dá corpo ao portão de entrada; e, à dir., livros empilhados junto à parede formam a irreverente biblioteca – acima dela, obras de artistas como Iran do Espírito Santo e Ivald Granato